



<http://dx.doi.org/10.30681/issn23163933v25n02/2018p322-350>

HUMOR, ESTEREÓTIPO E LIVRO DIDÁTICO: UM ESTUDO DE PIADAS À LUZ DA SEMÂNTICA DO ACONTECIMENTO

HUMOR, STEREOTYPE AND DIDACTIC BOOK: A STUDY OF JOKE IN THE LIGHT OF THE SEMANTIC OF THE EVENT

Poliana Miranda Sampaio Almeida¹
Adilson Ventura²

RECEBIMENTO DO TEXTO: 04/08/2018

DATA DE ACEITE: 18/09/2018

RESUMO: Buscou-se analisar, neste artigo, se a construção do humor em piadas, presentes no livro didático “Português Linguagens”, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, utilizado no Ensino Médio, retrata uma imagem lúdica dos sujeitos ou propaga preconceitos. Para isso, definiu-se como linha teórica deste trabalho a Semântica do Acontecimento, proposta por Eduardo Guimarães (2002), que entende que os sentidos se constituem no acontecimento. Desse modo, para se analisar os modos como os sentidos das piadas foram se constituindo nas três ocorrências dentro do livro didático em estudo, adotou-se como procedimento metodológico o dispositivo específico de análise semântica, proposto por Guimarães (2002), - a *reescrituração* e a *articulação* – assim como a construção de um DSD. Por se tratar de um livro didático, utilizou-se como fonte teórica também a LDB e os PCNEM, além de outros autores que tratam sobre a questão do humor, como Travaglia (1990) e Ramos (2011).

PALAVRAS-CHAVE: Piadas; Humor; Estereótipo; Livro didático; Sentido e acontecimento.

ABSTRACT: We sought to analyze, in this article, whether the construction of humor at jokes, present in the textbook "Portugues Linguagens", by William Roberto Cereja and Thereza Cochar Magalhães, used in High School, portrays a playful image of subjects or propagates prejudices. For this, it was defined as the theoretical line of this work the Semantics of the Event, proposed by Eduardo Guimarães (2002), who understands that the senses constitute the event. Thus, to analyze the as the meanings of the jokes were constituting in the three occurrences within the book didactic study, the methodological procedure adopted was the device semantic analysis, proposed by Guimarães (2002), - the rewriting and the articulation - as well as the construction of a DSD. Because it is a textbook, LDB and PCNEM were used as the theoretical source, in addition to other authors who on the issue of humor, such as Travaglia (1990) and Ramos (2011).

KEYWORDS: Jokes; Humor; Stereotype; Textbook; Sense and event.

¹ Mestra em Linguística pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB - Vitória da Conquista/Ba). Professora de Língua Portuguesa do Colégio Estadual Professor Alexandre Leal Costa (CEPALC – Barreiras/Ba). Contato: poliboquira@gmail.com.

² Doutor em Linguística pela UNICAMP. Professor do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB – Vitória da Conquista/Ba). Contato: adilson.ventura@gmail.com.





Introdução

A publicação da lei nº 9394/96, mais conhecida como LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), deu início a diversas discussões acerca de como o ensino ocorreria a partir daquele momento. O que fazer para que o ensino promovesse “o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico” (LDB, Artigo 35, Inciso III, Das finalidades do Ensino Médio) do aluno passou a ser a questão norteadora para todos os envolvidos com a Educação Nacional. Isso resultou em algumas ações, entre elas, a criação dos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), primeiro, do Ensino Fundamental, depois, do Ensino Médio.

Como o *corpus* que compõe este trabalho foi retirado de um livro didático de Língua Portuguesa do Ensino Médio – “Português Linguagens”, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães -, aqui serão citados apenas os PCNEM (Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio), mais especificamente, os que tratam da área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, restringindo-se ainda mais à disciplina de Língua Portuguesa.

De acordo com os PCNEM (2000, Parte II, p.5, grifos nossos), “A principal razão para qualquer ato de linguagem é a *produção de sentido*”. Nessa perspectiva, subentende-se que o ensino de Língua Portuguesa, outrora voltado para um estudo (descontextualizado) da gramática normativa, passaria a promover uma reflexão acerca de textos e dos conteúdos estudados, o que desencadearia o desenvolvimento pleno do aluno, conforme previsto na LDB.





Para orientar o trabalho do professor em sala de aula, os PCNEM sugeriram um trabalho com *gêneros textuais* diversos, entre eles, o texto humorístico, objeto de estudo desta pesquisa. Acreditava-se que, trazendo uma diversidade de gêneros textuais para a prática em sala de aula, o estudo da gramática passaria a ser uma “estratégia para compreensão/interpretação/produção de textos” (PCNEM, 2000, Parte II, p.8) e não mais a finalidade em si mesmo.

Sabendo-se disso e de que o humor é “uma atividade ou faculdade humana cuja importância se deduz de *sua enorme presença e disseminação em todas as áreas da vida humana*, com funções que ultrapassam o simples fazer rir” (TRAVAGLIA, 1990, p.55, grifos nossos), buscou-se analisar, neste trabalho, a construção do humor através da imagem lúdica dos sujeitos e dos estereótipos em piadas, observando-se aí se havia ou não a propagação de preconceitos.

A escolha do gênero textual – piada – se deu por este ser um meio de propagação de estereótipos, muito comum na oralidade e em situações de escrita também. Como este trabalho filia-se à Semântica do Acontecimento, proposta por Guimarães (2002), e esta teoria entender que os sentidos se constituem no acontecimento, definiu-se que as piadas seriam analisadas no livro didático de Língua Portuguesa – “Português Linguagens”, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães -, adotado por escolas públicas, no período de 2015-2017. Isso porque o livro didático é uma importante ferramenta no processo ensino-aprendizagem, sendo responsável também pela propagação de ideias.



É necessário ressaltar que o *corpus* que constitui este artigo é um recorte da dissertação de mestrado em Linguística, intitulada “O humor e a construção de sentido em piadas e tiras cômicas: imagem lúdica dos sujeitos ou disseminação e propagação de preconceitos?”, apresentada ao PPGLin (Programa de Pós-Graduação em Linguística), da UESB (Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia), *campus* Vitória da Conquista.

A seguir, serão apresentados os pressupostos teóricos da Semântica do Acontecimento; teoria adotada neste trabalho.

Pressupostos teóricos

Os PCNEM (2000) defendem que “a produção de sentido” deve ser o principal objetivo de qualquer ato de linguagem. Considerando-se que estes parâmetros são (ou deveriam ser) norteadores do Ensino Médio no Brasil e que, neste trabalho, o *corpus* analisado foi retirado de um livro didático de Língua Portuguesa, utilizado em escolas públicas brasileiras, optou-se por utilizar uma teoria que tivesse o *sentido* como questão principal também. Sabendo-se, também, que o sentido é concebido de maneiras diferentes a depender da teoria adotada, preferiu-se, aqui, embasar esta pesquisa com os pressupostos teóricos da Semântica do Acontecimento, proposta por Eduardo Guimarães (2002).

Segundo Guimarães (2011, p.40), “o sentido das expressões linguísticas tem a ver com os textos em que estão”. Desse modo, contrariando a prática adotada por docentes, por muitos anos, e até por autores de livros didáticos, não há sentidos fixos, pré-estabelecidos,



respostas prontas e acabadas, os sentidos vão se constituindo no acontecimento. Dessa forma, ainda segundo Guimarães, “interpretar é atribuir sentidos a um texto” (GUIMARÃES, 2011, p.44), considerando-se o “funcionamento da linguagem pensando nas condições em que os acontecimentos enunciativos se produzem” (GUIMARÃES, 2011, p.45).

Como, neste trabalho, buscar-se-á analisar a construção do humor através da imagem lúdica dos sujeitos e dos estereótipos em piadas, dentro do livro didático de Língua Portuguesa – “Português Linguagens”, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães -, observando-se aí se há ou não a propagação de preconceitos, a noção de *temporalidade*, desenvolvida por Guimarães (2002), é de suma importância. Para este autor,

A temporalidade do acontecimento constitui o seu presente e um depois que abre o lugar dos sentidos, e um passado que não é lembrança ou recordação pessoal de fatos anteriores. O passado é, no acontecimento, rememoração de enunciações, ou seja, se dá como parte de uma nova temporalização, tal como a latência de futuro. (GUIMARÃES, 2002, p.12.)

O *memorável* seria a rememoração de enunciações passadas, enquanto a *futuridade* seriam as possibilidades de sentidos, reforçados e projetados no acontecimento. E o presente deste acontecimento seria o momento da enunciação que instaura a própria temporalidade.

Desse modo, *interpretar* requer uma investigação dos modos como os sentidos vão se constituindo no acontecimento, neste caso, em piadas presentes em um livro didático de Língua Portuguesa; vai além do que “o autor quis dizer”, discurso recorrente em sala de aula, para, a partir daí,



tentar compreender o sentido deste ou daquele texto. Deve-se investigar o que “o autor disse”, “como disse” e “onde disse”.

Para se analisar como os sentidos se constituem no acontecimento, Guimarães (2009) desenvolveu um dispositivo específico de análise semântica: a *reescrituração* e a *articulação*. Para este autor, são “as relações enunciativas do acontecimento que constituem sentido” (GUIMARÃES, 2009, p.51). Assim, deve-se observar os enunciados nos textos onde aparecem, analisando-se as expressões linguísticas reescrituradas e as relações semânticas que estabelecem com outras expressões. Pode-se dizer, então, que a reescrituração é o procedimento enunciativo que serve para “redizer o já-dito”, atribuindo algo ao reescriturado, e a articulação é o procedimento enunciativo que estabelece as relações semânticas com outros elementos linguísticos, “é uma relação de contiguidade significada pela enunciação” (GUIMARÃES, 2009, p.51). Associado a isso, Guimarães (2007) criou ainda o que ele chamou de DSD (Domínio Semântico de Determinação), que serve para representar o sentido das palavras em determinado acontecimento.

Outra questão levantada por Guimarães (2002) é a que se refere ao *político* da linguagem. Para Guimarães (2002, p.18, grifos nossos), “A língua é dividida no sentido em que ela é necessariamente *atravessada pelo político*: ela é normativamente dividida e é também *a condição para se afirmar o pertencimento dos não incluídos, a igualdade dos desigualmente divididos*”. Desse modo, considerando o objeto de estudo deste trabalho - piadas encontradas no livro didático “Português Linguagens”, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães -,



interpretar piadas nas situações propostas pelos autores deste livro didático definirá o indivíduo que *estará* ou *não estará* incluído no processo ensino-aprendizagem.

De posse desses conhecimentos acerca da Semântica do Acontecimento, a seguir serão apresentados os procedimentos metodológicos adotados neste trabalho.

Material e métodos

As piadas analisadas neste trabalho foram retiradas de um livro de Língua Portuguesa do Ensino Médio: “Português Linguagens”, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães. A escolha deste livro se deu por, durante o PNLD 2015 (Programa Nacional do Livro Didático), este livro ter ocupado a primeira posição a nível nacional, sendo, portanto, um importante veículo de propagação de ideias.

Para este trabalho, após uma observação geral dos três volumes deste livro didático, escolheu-se apenas o volume 2 da referida coleção, por este representar o “meio do processo”, correspondente à 2ª série do Ensino Médio. Definido isso, delimitou-se o *corpus*: três piadas. Vale ressaltar que, no volume 2 deste livro didático, há somente estas três piadas, não sendo necessário, portanto, definir critérios para a seleção do *corpus*; todas foram analisadas.

Os procedimentos metodológicos adotados para se analisar o *corpus* selecionado para esta pesquisa são os procedimentos enunciativos de produção de sentido – a reescrituração e a articulação – e a construção de



um DSD, procedimentos próprios estabelecidos no interior da Semântica do Acontecimento. Como os textos foram retirados do Manual do Professor, estando, na maioria das vezes, em exercícios, serão analisados também os exercícios e as respostas previstas (pelo livro didático) para cada questão. A seguir, serão feitas as análises de dados.

Análise de dados

O livro “Português Linguagens”, de onde foi retirado o *corpus* que compõe este trabalho, foi produzido pelos autores William Roberto Cereja³ e Thereza Cochar Magalhães⁴. Publicado em 2013 pela Editora Saraiva, este livro pertence ao Material de Divulgação da Editora Saraiva do PNLD 2015 Ensino Médio. Durante o PNLD 2015, foi o livro mais adotado nacionalmente, com um total de 2.313.339⁵ livros distribuídos. A seguir, serão feitas as análises de três piadas, presentes no volume 2 deste livro didático:

(Recorte 01)

³ William Roberto Cereja é professor graduado em Português e Linguística e licenciado em Português pela USP. Mestre em Teoria Literária pela USP e Doutor em Linguística Aplicada e Análise do Discurso pela PUC-SP. Também atua como professor da rede particular de ensino em São Paulo, capital. (Esta informação está disponível no próprio livro.)

⁴ Thereza Cochar Magalhães é professora graduada e licenciada em Português e Francês pela FFCL de Araraquara-SP. Mestre em Estudos Literários pela UNESP de Araraquara-SP. Atua como professora da rede pública de ensino em Araraquara-SP. (Esta informação está disponível no próprio livro.)

⁵ Dados disponíveis em: www.fnnde.gov.br. Acesso em: 16/09/2017.



A piada a seguir aparece no exercício da página 139 que trata dos tempos e das formas verbais. Observe:

Leia a anedota a seguir e responda às questões 2 e 3.

Dois camaradas se encontram quando estão passeando com seus cachorros na rua.

Um deles, muito convencido, diz:

- O meu cachorro consegue ler!

O outro, mais convencido ainda:

- Eu já sabia. O meu me contou!

(Amir Mattos, org. Brincadeiras, pegadinhas e piadas da Internet. Belo Horizonte: Leitura, 2001. P.12.)

2. Reconheça o tempo em que estão as formas verbais sublinhadas na anedota.

encontram, consegue: presente do indicativo; sabia: pretérito imperfeito do indicativo; contou: pretérito perfeito do indicativo

3. Identifique a locução verbal que aparece na anedota e substitua-a por uma forma verbal simples de sentido equivalente.

estão passeando / passeiam

(CEREJA, William Roberto & MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português Linguagens: ensino médio**. 9.ed. São Paulo: Saraiva, 2013. Vol. 2. p. 139.)

No recorte 01, a reescrituração de *camaradas*, associado à articulação dessa palavra na piada acima, será determinante para a



construção do sentido e do humor do texto. Para compreender o modo como *camaradas* aparece reescriturado, é necessário observar que, num primeiro momento, *camaradas* aparece articulado a “dois”. Essa informação é relevante para a compreensão do texto visto que *camaradas* aparece dividido, isto é, reescriturado em dois momentos diferentes, por dois locutores no acontecimento que estabelecem um diálogo. A cena enunciativa, que é uma especificação local no espaço de enunciação (GUIMARÃES, 2002), trará a marcação do lugar social do locutor esperto 1 e locutor esperto 2. Assim, *camaradas* aparece reescriturada de forma elíptica em “estão passeando”, por “um deles, meu” e por “o outro, eu, meu, me”. Ao dividir *camaradas* em “um” e “o outro”, nota-se que há aí uma diferença entre os dois sujeitos. Observando-se o funcionamento de cada uma dessas expressões, através do procedimento de articulação, é que se notará como elas contribuem para a construção do sentido e do humor do texto. Observe:

- (1) Um deles, muito convencido, diz:
- (2) O outro, mais convencido ainda:

Em (1), “um” aparece articulado a “muito convencido”; já em (2), “o outro” aparece articulado a “mais convencido ainda”. Aqui, será retomado brevemente Ducrot e a sua Teoria de Argumentação na Língua (TADL), segundo o qual, a palavra é um operador argumentativo que orienta o enunciado para determinada conclusão. Assim, as palavras “muito” e “mais ainda” associadas à palavra “convencido” marcarão não só o grau de convencimento de cada um dos indivíduos como também a



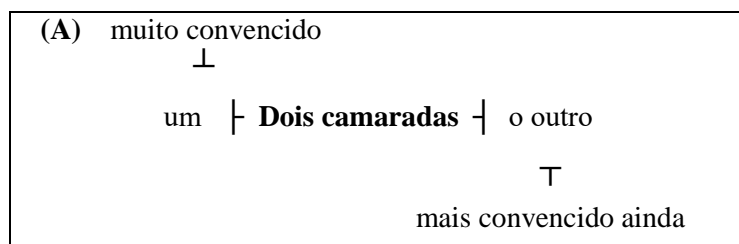


esperteza de cada um deles que aparece nessa enunciação na forma de “contar vantagem”. Isso será observado nos enunciados a seguir:

- (3) O meu cachorro consegue ler!
 (4) Eu já sabia. O meu me contou!

Em (3), “um (camarada)”, reescriturado por “meu”, aparece associado à ideia de esperteza visto que traz uma informação (inverídica, ficcional) sobre o cachorro: saber ler. É interessante notar que a esperteza presente aí não está relacionada ao cachorro saber ler, mas sim no “possuir” este cachorro que sabe ler. No entanto, o que trará humor ao texto será o enunciado “Eu já sabia. O meu me contou!”. Isso porque, recorrendo novamente a Ducrot, a palavra “já” traz a ideia de que a informação – “O meu cachorro consegue ler” – é antiga, apresenta uma argumentação fraca, visto que “o outro (camarada)” também possui um cachorro que fala e, portanto, já havia dito isso a ele, ou seja, o “já” aqui aponta que o segundo locutor possui uma informação mais importante do que o outro locutor trouxe.

Isso leva a construção dos seguintes DSDs:





(B)

saber ler | **cachorro** | saber falar

Os DSDs (A) e (B) constituem o sentido de “dois camaradas” nessa piada, associando-os ao *convencimento* e à *esperteza*, e isso traz o memorável de *esperteza*, projetando um futuro de interpretações – a futuridade – que reforça a ideia de que para se “contar vantagem” é necessário ser muito esperto. Aqui aparece um duplo memorável *esperteza x esperteza*, onde “o outro (camarada)” se sobrepõe a “um (camarada)” por demonstrar “mais ainda” *esperteza* no referido acontecimento.

Nesta piada, é possível perceber ainda que o memorável da *esperteza* remete à Lei de Gérson (ou Lei da Vantagem). Esta lei é um princípio que determina que a pessoa, para obter vantagens, deve agir de forma indiscriminada, sem preocupação com princípios éticos e valores morais. O que importa é “o fim e não os meios”, ou seja, é levar vantagem em tudo, como consta na fala de Gérson – ex-jogador de futebol – que protagonizou a propaganda de cigarro⁶ que deu origem a esta lei: “*Gosto de levar vantagem em tudo, certo? Leve vantagem você também, leve Vila Rica!*”. Assim, na piada em estudo, a *esperteza* é sinônima de “levar vantagem”, no sentido da Lei de Gérson, da “malandragem brasileira”.

Um outro aspecto que merece destaque é o que se refere à questão do humor nesse acontecimento. A piada acima analisada aparece no livro

⁶ Esta propaganda de cigarro foi produzida por Caio Domingues e Associados e veiculada no Brasil em 1976. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org>. Acesso em: 29/05/2017.



em estudo em um exercício. Em primeiro lugar, é possível notar que – embora não apareça nenhuma definição – a piada é chamada de anedota logo no primeiro enunciado: “*Leia a anedota a seguir e responda às questões 2 e 3*”. Nota-se aí que piada e anedota são empregadas numa relação de sinonímia. Ao discutir sobre “O que é piada?”, Ramos (2011, p.33) diz “Há, logo de início, dois obstáculos para responder à pergunta acima. O primeiro (...) Há uma aplicação ampla para o termo piada. O segundo obstáculo é a utilização de uma série de palavras, muitas vezes interpretadas como equivalentes a piada”. Considerando-se isso, pode-se dizer que os autores deste livro didático utilizam a anedota como equivalente a piada, desconsiderando o conceito e as características desta ou daquela, já que não traz a definição de anedota. Percebe-se, ainda, que toda a atividade é voltada para verificar a compreensão sobre questões gramaticais, para o reconhecimento de tempo e formas verbais e substituição de uma locução verbal por uma forma verbal simples.

Questões relacionadas ao humor presentes na *anedota* não são levadas em consideração. E isso pode ser confirmado na resposta indicada para a questão 2 – “*encontram, consegue: presente do indicativo; sabia: pretérito imperfeito do indicativo; contou: pretérito perfeito do indicativo*” – e para a questão 3 – “*estão passeando / passeiam*”. Na questão 3, os autores trazem a expressão “sentido equivalente” que poderia iniciar uma discussão acerca do que seria sentido, o que não ocorre, uma vez que a resposta proposta pelo livro é objetiva e meramente gramatical – “*estão passeando / passeiam*”.



Logo, nesse exemplo, já se pode observar que o humor presente nessa piada retrata uma imagem lúdica dos sujeitos, mas já aponta a presença de preconceitos: o brasileiro é malandro e gosta de tirar vantagem em tudo. Não houve aqui um interesse em explorar o texto, observando-se o humor e os sentidos presentes aí. A piada foi utilizada com o objetivo de ilustrar uma atividade puramente gramatical.

Neste recorte, já se nota que o texto humorístico – piada – é utilizado apenas como pretexto para aferir conhecimentos gramaticais. Não há aí a preocupação em desenvolver o senso crítico do aluno, conforme estabelecido pela LDB e reafirmado pelos PCNEM. Utilizou-se o “gênero” piada, atendendo “aparentemente” as orientações dos PCNEM, mas o foco continua sendo a gramática.

Notou-se, ainda, na piada em estudo, a presença do político, termo utilizado por Guimarães (2002) no interior da Semântica do Acontecimento, que instaura o conflito no centro do dizer. Nesse acontecimento, *dois camaradas* aparecem incluídos enquanto espertos, mas um assume a posição de mais esperto do que o outro, o que acaba gerando uma exclusão de um dos indivíduos. E essa contradição, essa disputa por ser o mais esperto reforçará o estereótipo de que brasileiro gosta de levar vantagem em tudo, propagando a ideia de que brasileiro é malandro. Além disso, nesse espaço de enunciação específico (Brasil), há uma exclusão dos que não são espertos, ou seja, para ser brasileiro tem que ser esperto, isto é, todos os brasileiros são incluídos como espertos, porém, alguns são mais espertos do que outros.



(Recorte 02)

Agora observe este segundo exemplo que aparece nas páginas 249 e 250, no capítulo intitulado “O modelo morfossintático – o sujeito e o predicado”:

Leia a tira a seguir, de Fernando Gonsales, e responda às questões 1 e 2.



1. No 2º quadrinho da tira, foi empregado o advérbio **loucamente**.

a) Que tipo de circunstância esse advérbio expressa?

modo

b) Identifique o sufixo desse advérbio e empregue-o na formação de outras palavras.

- mente / felizmente, facilmente, perfeitamente, legalmente, geralmente, etc.

c) A partir do radical desse advérbio, forme uma família de palavras.



louco(a), louquinho (a), loucura, louquice, louquejar.

2. A tira estabelece relação intertextual com outro texto. Qual é esse texto?

“Um elefante incomoda muita gente, dois elefantes incomodam muito mais” e assim por diante.

3. Na anedota a seguir, foram propositalmente suprimidas duas palavras. Leia-a.

O prefeito foi visitar o manicômio da cidade. Chegando à biblioteca, vê um homem pendurado no teto, de cabeça para baixo. Preocupado, diz à bibliotecária do hospício:

- O que é que esse □ está fazendo aí no teto?

- Ele pensa que é um lustre.

- Permitir isso é uma □ ! Ele pode cair e se machucar! Por que não o tiram daí?

- Mas, à noite, como é que a gente vai fazer para ler no escuro?

a) Uma ou outra das palavras suprimidas na anedota poderia ser **loucamente**? *Não.*

b) De acordo com o contexto, que palavras da família do radical **louc-** podem completar adequadamente as lacunas da anedota? *louco e loucura, respectivamente.*



c) *A que classe gramatical pertence cada uma dessas: à dos substantivos, à dos adjetivos, à dos verbos ou à dos advérbios? Ambas pertencem à classe dos substantivos.*

(CEREJA, William Roberto & MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português Linguagens: ensino médio**. 9.ed. São Paulo: Saraiva, 2013. Vol. 2. p. 249-250.)

Apesar de este trabalho dedicar-se ao estudo de piadas no interior do livro didático de Língua Portuguesa, a questão proposta nas páginas 249 e 250 do referido livro aborda o assunto através de um exercício que traz uma tira e uma piada como exemplo. Por isso, nesta análise, a tira também será considerada para se compreender como se dá o trabalho com humor neste acontecimento.

Analisar um texto é “interpretar os sentidos produzidos pelos textos, os sentidos que podemos reconhecer num certo texto particular (GUIMARÃES, 2011, p.31)”. Desse modo, para se proceder à análise da piada, faz-se necessário “completar *adequadamente* as lacunas da anedota”, como pede o livro didático. Para se compreender o sentido que *adequadamente* assume aí, é necessário considerar também o emprego dos termos “loucamente”, “contexto” e “radical louc-”.

Embora não apareça a definição do que seja “contexto” para os autores que elaboraram este livro didático, de maneira geral, pode-se chegar ao sentido que “contexto”, considerando-se que *a anedota* é um texto narrativo, seria o local (ou situação) onde ocorre a história – no caso específico, no manicômio. Associados a isso, aparecem as palavras *loucamente* (questão 3a) e *radical louc-* (questão 3b) que servirão de indício para encontrar as palavras que faltam no referido texto. A questão



3a exclui a possibilidade de uma das palavras suprimidas ser *loucamente*, mas na questão 3b há a afirmação que as palavras suprimidas possuem o *radical louc-*. Dessa forma, como se sabe que o *manicômio* interna pessoas com problemas mentais e as palavras suprimidas no texto possuem o radical *louc-*, depreende-se daí que as palavras são *louco* e *loucura*.

Já na tira em estudo, a construção do humor se dará de outra forma. No enunciado “Enquanto os vírus se reproduzem loucamente... eles cantam”, nota-se que a palavra “loucamente” atribui ao enunciado um sentido de intensidade, embora a palavra “loucamente” seja classificada como um advérbio de modo pela gramática normativa. É possível chegar a esta conclusão, pois o referido enunciado traz duas ações simultâneas – “reproduzir” e “cantar” – associadas ao termo “loucamente” e esse termo intensifica estas ações.

Contudo, o efeito de humor se dará no último quadrinho na fala do personagem “14 bilhões 800 mil vírus incomodam muita gente... 14 bilhões 800 mil e um vírus incomodam, incomodam, incomodam...”. Isso porque aparece aí a expressão “e um” que vem mostrando que os vírus estão se reproduzindo “loucamente”, ou seja, intensamente, e para cada um que nasce, a música – que é muito chata – é cantada, e isso perturba muito. Além disso, aparece ainda a repetição da palavra “incomodam” que reforça os sentidos trazidos por “loucamente” e “e um” no referido enunciado.

Pode-se afirmar ainda que a tira traz o memorável de que algo em grande quantidade incomoda, pois retoma uma cantiga popular “um elefante incomoda muita gente” que utiliza a figura do elefante – grande e pesado – para representar o tamanho do incômodo. A atividade, no entanto, traz



apenas uma questão sobre esse aspecto, pedindo somente para identificar o texto com o qual a tira estabelece uma relação intertextual, mais uma vez sem explorar as questões relacionadas ao sentido do texto.

Utilizando-se os procedimentos enunciativos de produção de sentido, desenvolvidos no interior da Semântica do Acontecimento, é possível chegar a esta conclusão de outro modo. Observe:

- (1) Chegando à biblioteca, vê um homem pendurado no teto, de cabeça para baixo.
- (2) Ele pensa que é um lustre!

Em (5), *um homem* aparece articulado a “pendurado no teto, de cabeça para baixo” e em (6), *um homem* aparece reescriturado por “ele” e por “um lustre”. Tanto em (5) quanto em (6) as informações acerca de “um homem” sugerem que ele não seja uma pessoa *normal*, uma vez que não é comum encontrar uma pessoa pendurada de cabeça para baixo em uma biblioteca se fazendo de lustre. Por aí já é possível perceber que ele é um louco. Além disso, pode-se observar ainda nos enunciados a seguir:

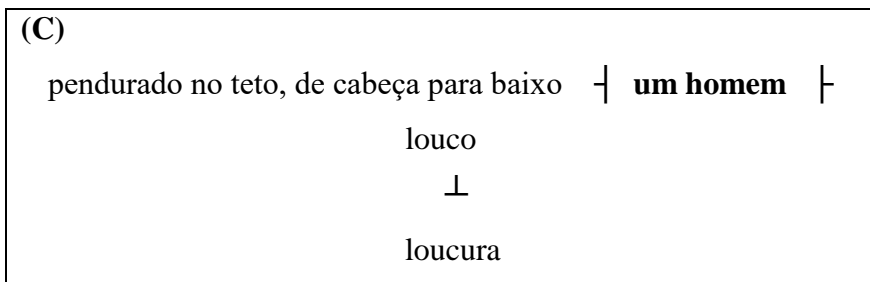
- (3) O que esse □ está fazendo aí no teto?
- (4) Permitir isso é uma □ !

Em (7), a palavra suprimida aparece acompanhada por “esse”, palavra masculina. Considerando-se que aí, no □, deve aparecer uma reescrituração de “um homem”, associado às demais informações obtidas no texto e à questão que diz que a palavra possui o *radical louc-*, pode-se



afirmar que a palavra em questão é *louco*. Já em (8), a palavra suprimida aparece acompanhada por “uma”, palavra feminina. Aqui *isso* condensa toda a informação que aparece acerca de “um homem” nesse acontecimento. Como *isso* traz a ideia que o homem é louco, logo, pode-se concluir que “isso é uma *loucura*”.

Isso leva à construção do seguinte DSD:



O DSD (C) constitui o sentido de “um homem”, trazendo o memorável de *loucura*, mas não é aí que está o humor do texto. Esse se dará em outro momento:

(5) Por que não o tiram daí?

(10) Mas, à noite, como é que a gente vai fazer para ler no escuro?

Em (9), a indagação do prefeito sobre o motivo de não retirar “um homem”, reescriturado aí por “o”, “do teto” (reescriturado por “daí”) ocasionará uma resposta que gera surpresa. Isso se dará porque na fala da



bibliotecária do manicômio em (10) está pressuposto⁷ que ela também é louca, já que acredita que o homem realmente é um lustre. Nota-se isso em (10), quando na fala da bibliotecária aparece a expressão *a gente* que inclui tanto os loucos do manicômio quanto a funcionária da biblioteca. O humor do texto ocorre nesse momento visto que não se espera que um funcionário de manicômio também seja um louco. Há aí uma oposição de ideias – *loucura x normalidade* – trazidas pelo memorável que associa manicômio à loucura e funcionário de manicômio à normalidade. É essa discrepância de expectativa que produzirá o humor deste texto.

Entretanto, mais uma vez o que se nota é que o humor aparece nesse livro didático apenas porque tanto a tira quanto a piada (anedota) são textos humorísticos, mas não há a finalidade de se explorar os sentidos e o humor presentes neles, eles são utilizados com um objetivo meramente ilustrativo, para se abordar questões gramaticais. E isso pode ser confirmado na página 250 no texto que se segue com o título “Conceituando”. Observe o fragmento a seguir:

Na tira e na anedota, para combinar as palavras *loucamente*, *louco* e *loucura* com outras palavras das frases de modo que ficassem de acordo com o contexto, os autores precisaram selecioná-las. **Essas palavras têm o mesmo radical.** Quando é acrescentado ao radical

⁷ A palavra *pressuposto* empregada aqui leva em consideração o conceito de pressuposição desenvolvido por Ducrot (1987): “o pressuposto pertence antes de tudo à frase: ele é transmitido da frase ao enunciado na medida em que esse deixa entender que estão satisfeitas as condições de emprego da frase da qual ele é a realização” (p.33) e “a informação pressuposta é colocada à margem do discurso” (p.42). (DUCROT, Oswald. *Pressupostos e subentendidos (Reexame)*. In: DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas-SP: Pontes, 1987. Tradução: Ana Maria Guimarães e Eleni Jacques Martins).



louc- o sufixo *-ura*, forma-se um substantivo *-loucura*; quando é acrescentado o sufixo *-mente*, forma-se um advérbio *-loucamente*. (CEREJA & MAGALHÃES, 2013, p.250, grifos nossos)

Acima, é possível observar que a tira e a *anedota*, utilizadas no exercício das páginas 249 e 250, foram retomadas aqui meramente para retomar a formação das palavras *loucamente*, *louco* e *loucura* que servem para dar início ao estudo gramatical. Nesse acontecimento assim como no anterior, o humor apareceu como um *personagem figurante*, compondo apenas o cenário para que a gramática protagonize. Todo o exercício é construído com a finalidade de aferir conhecimentos gramaticais, não possibilitando uma reflexão acerca dos textos humorísticos ali presentes nem dando mais de uma possibilidade de resposta. Isso retira a possibilidade de o aluno desenvolver-se criticamente já que cada questão induz para “a resposta correta”.

Na piada em estudo, o político instaura uma contradição ao incluir os personagens – “um homem” (louco) e a “bibliotecária” – ao grupo de pessoas e excluí-los, quando se divide pessoa em *normal x louca*. Nota-se que esta contradição define quem pode agir dessa ou daquela forma, sobrepondo uma pessoa (normal) a outra pessoa (louca). Isso é reforçado no final inesperado da piada, que gera o efeito de humor, pois, espera-se que a bibliotecária do manicômio seja uma pessoa “normal” já que é uma funcionária e este lugar – de funcionária – não ser “normalmente” ocupado por um louco. Mas, o que se nota no desfecho da piada é que a bibliotecária é tão louca quanto o homem pendurado no teto, já que também acredita que ele é um lustre.



Mais uma vez este exemplo mostra que o uso do texto como pretexto para estudos gramaticais e a ausência de uma reflexão acerca dos estereótipos, dessa divisão entre *normalidade x loucura*, reforçam estereótipos, podendo propagar preconceitos, já que não se pode controlar os sentidos presentes nesse acontecimento.

(Recorte 03)

Agora observe este terceiro exemplo que aparece na página 251, no capítulo intitulado “O modelo morfossintático – o sujeito e o predicado”:

O freguês sentou-se e pediu um chope. O garçom trouxe o chope e o freguês pediu para trocar por um suco de laranja. O garçom trocou, o freguês bebeu e saiu sem pagar.

- Ei! – disse o garçom. – O senhor não pagou o suco de laranja.

- Claro que não! Eu o troquei pelo chope!

- É... Mas o senhor não pagou o chope.

- Claro que não! Eu não o bebi.

(CEREJA, William Roberto & MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português Linguagens: ensino médio**. 9.ed. São Paulo: Saraiva, 2013. Vol. 2. p. 249-250.)

Na piada acima, apesar de aparecer dois nomes de personagens – *freguês* e *garçom*, nota-se que apenas *freguês* aparece reescriturado por palavras diferentes. A palavra *garçom* aparece reescriturada por duas vezes pela mesma palavra “garçom”. A repetição desta palavra pode atribuir o



sentido de “movimento, de estar à disposição do freguês” a este personagem; já *freguês* é reescriturado por “senhor, eu” e de forma elíptica em “pediu, saiu”. Mas será através do procedimento enunciativo de produção de sentido – a articulação – que se terá uma melhor ideia do sentido adotado pelo freguês neste acontecimento. Observe os enunciados a seguir:

- (11) o freguês bebeu e *saiu sem pagar*.
- (12) O senhor *não pagou o suco de laranja*.
- (13) Mas o senhor *não pagou o chope*.

O que se nota nos enunciados acima é que *freguês* aparece articulado a “saiu sem pagar”, em (11), “não pagou o suco de laranja”, em (12), e “não pagou o chope”, em (13). Essas relações semânticas trazem o sentido que o freguês é caloteiro, visto que compra e não paga, agindo de má fé.

Observa-se que, nesta piada, aparece um duplo memorável já que *freguês* ocupa tanto o lugar de “caloteiro” quanto de “esperto”. A esperteza aí é notada através do uso da palavra “trocar”. Observe:

- (14) O garçom trouxe o chope e o freguês pediu para *trocar* por um suco de laranja.
- (15) Claro que não. Eu o *troquei* pelo chope.



Em (14), nota-se que *a troca* está relacionada a “chope/suco de laranja”. Nesse momento, não se nota aí humor e isso ocorre porque trocar um produto por outro é uma prática comum no comércio brasileiro; já em (15), o “troquei” traz o efeito de humor visto que a resposta inesperada do freguês traz a ideia de “malandragem” já que utilizou uma prática comum – trocar um produto por outro, quando se está insatisfeito com o que foi adquirido – para “dar calote” no garçom.

Aqui, mais uma vez, aparece o memorável de esperteza, mas uma esperteza que retoma a Lei de Gérson, pois agiu de forma indiscriminada para levar vantagem. Não houve preocupação do freguês com a possibilidade de o garçom perder o emprego ou ter parte do seu salário retido por conta dele não ter pago a dívida.

Isso leva à construção do seguinte DSD:

(D)

saiu sem pagar	┆	caloteiro	┆	freguês	┆	esperteza	┆	não pagou
o chope								
								não pagou
o suco de laranja								

O DSD (D) constitui o sentido de “freguês”, trazendo um duplo memorável *esperteza x caloteiro*, pois o freguês utiliza-se da esperteza para levar vantagem sobre o garçom, saindo sem pagar a conta.



Entretanto, neste acontecimento, esta piada não foi empregada com a finalidade de se discutir “os valores morais e princípios éticos” nem o humor do texto. Ela foi utilizada, neste livro, novamente, para ilustrar um assunto gramatical. A referida piada aparece em uma seção do livro intitulada “Forma e Função” e foi utilizada com o propósito de se analisar um único enunciado – “O senhor não pagou o suco de laranja” – quanto a forma (morfologia) e quanto a função (sintaxe).

Até aqui, o que se pôde ver é que as piadas selecionadas pelos autores deste livro didático ocupam um lugar meramente ilustrativo para se trabalhar questões gramaticais. Em momento algum, observou-se a organização de um trabalho que visasse compreender o humor e os efeitos de sentidos presentes nestes textos. É possível inclusive afirmar que, diante do que foi analisado até aqui, a piada ocupa um espaço que poderia ser ocupado por qualquer outro texto visto que o objetivo do referido livro é meramente gramatical. Um argumento que colabora para esta constatação – além dos que já foram mencionados neste trabalho – é que, neste volume do livro didático em estudo, há apenas três piadas.

Considerando-se, ainda, que a língua é “atravessada pelo político”, segundo Guimarães (2002), é possível perceber nesse recorte que há uma contradição na composição do sentido de *freguês*. Ele aparece dividido em *caloteiro*, por agir de má fé, tentando tirar vantagem da situação, e em *esperto*, por conseguir sair ileso, sem pagar a conta. Nesse acontecimento, *freguês* aparece incluído enquanto “cliente” de um bar e excluído no momento em que aparece dividido em *caloteiro x esperto*. A oposição *caloteiro x esperto* reforça o estereótipo que brasileiro gosta de levar



vantagem em tudo e, para isso, utiliza a tão conhecida “malandragem brasileira”.

Considerações finais

Pôde-se notar que as piadas, no livro didático analisado, são utilizadas apenas para ilustrar exercícios ou assuntos gramaticais, havendo pouco interesse em explorar os aspectos que constroem o sentido e o humor do texto. Notou-se ainda que essas piadas trazem estereótipos que, como não são trabalhados dentro do livro didático, podem reforçar e disseminar preconceitos visto que se não há uma discussão acerca da existência deles, serão compreendidos pelos estudantes como se isso fosse natural, correto.

Considerando-se que o livro didático é um espaço de enunciação e, enquanto tal, é marcado pelo conflito já que a língua é atravessada pelo político, segundo afirma Guimarães (2002), o aluno é incluído ao “dever” responder a atividade proposta pelo livro didático, mas é excluído por “não saber interpretar” o texto humorístico e/ou “não poder” responder a atividade criticamente já que o livro limita as respostas, induzindo o aluno para “a única resposta correta”. Isso mostra que, apesar dos esforços em se criar “Parâmetros” para nortear a elaboração dos componentes curriculares da Educação Básica, o ensino continua o mesmo, pois, como se viu nas análises, o texto é utilizado apenas como pretexto para o estudo gramatical, ou seja, a utilização do texto no exercício do livro didático é dispensável já que só se vai observar “palavras” e “frases” soltas, sob a ótica da Gramática Normativa.



Como a questão que norteia este trabalho é investigar se os estereótipos presentes em piadas, encontradas no livro didático de Língua Portuguesa, propagam preconceitos ou retratam uma imagem lúdica dos sujeitos, pelos recortes analisados no livro “Português: Linguagens”, de CEREJA & MAGALHÃES, pôde-se observar que o humor só está presente neste livro por se considerar piadas como textos humorísticos. Apesar de Travaglia (1990) considerar o humor como uma “arma de denúncia” e uma forma de “revelar e de flagrar outras possibilidades de visão de mundo”, o que se pôde notar é que não há um espaço dedicado, no livro didático, para explorar e analisar as diversas “revelações” e/ou “denúncias” feitas nas piadas. Nem mesmo o “fazer rir”, característica primeira dos textos humorísticos, é de interesse, nesses recortes, deste livro didático.

A ausência de um estudo aprofundado destes textos, considerando-se o que gera o efeito de humor, como se constituem os sentidos e os estereótipos nesses acontecimentos, não só “castra” o desenvolvimento pleno do indivíduo, limitando o conhecimento linguístico às normas da Gramática Normativa, como também acaba propagando os preconceitos presentes nesses textos.

Referências

- CEREJA, William Roberto & MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português Linguagens: ensino médio**. 9.ed. São Paulo: Saraiva, 2013. Vol. 2.
- GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica do Acontecimento**. São Paulo: Pontes, 2002.



_____. “*Domínio Semântico de Determinação*”. In: GUIMARÃES, Eduardo & MOLLICA, Maria Cecília. (orgs.) **Palavra: forma e sentido**. Campinas: Pontes Editores, RG Editores, 2007.

_____. “*A enumeração: funcionamento enunciativo e sentido*”. **Cadernos de Estudos Linguísticos** 51. Campinas-SP: UNICAMP, jan./jun. 2009. p.49-68.

_____. **Análise de texto: procedimentos, análises, ensino**. Campinas: Editora RG, 2011.

LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL. Lei nº 9394/96.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS DO ENSINO MÉDIO. Parte II. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. 2000.

RAMOS, Paulo. **Faces do humor**. Uma aproximação entre piadas e tiras. Campinas-SP: Zarabatana Books, 2011.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. “*Uma introdução ao estudo do humor pela linguística*”. DELTA – Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, São Paulo, v.6, n.1, p.55-82, 1990.

www.fnde.gov.br

Este texto é de responsabilidade de seu (s) autor (es).

